



VISÃO EMPRESARIAL

Adriane Hilbig

Vice-presidente da área de Turismo da Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA)

Seu voto, nosso futuro: eventos e turismo como caminho para o desenvolvimento

Em ano eleitoral, a responsabilidade de escolher representantes políticos em todos os escalões ganha ainda mais relevância, sobretudo quando pensamos no futuro da nossa cidade. O voto consciente é mais que um direito: é um instrumento de transformação que pode impulsionar setores estratégicos, como eventos e turismo, fundamentais para o desenvolvimento econômico local.

Eventos e turismo não devem ser temas secundários nas propostas dos candidatos. Eles geram empregos, movimentam a economia, revitalizam espaços públicos e fortalecem a identidade cultural. Por isso, é necessário perguntar: os candidatos enxergam o potencial do nosso município nesse setor? Quais propostas concretas apresentam para fomentar festivais, feiras, congressos e atrair turistas? De onde sairão os recursos para este fomento?

É essencial que o poder público, a iniciativa privada e entidades representativas trabalhem juntos, alinhando objetivos e ações. Uma gestão eficiente exige diálogo, planejamento integrado, investimentos em infraestrutura, divulgação das atrações locais e políticas de incentivo. Além disso, a colaboração pode envolver capacitação profissional, promoção de experiências inovadoras e monitoramento dos resultados. Somente dessa forma conseguimos avançar.

Ao conversar com os candidatos, considere perguntar: Como sua gestão pretende facilitar parcerias entre prefeitura e empresas para realizar grandes eventos? Quais estratégias serão adotadas para valorizar a cultura local e atrair visitantes durante o ano todo? Que ações estão previstas para melhorar o

acesso, a segurança e a comunicação dos atrativos turísticos? Quais recursos serão investidos neste setor? Essas questões são fundamentais para assegurar que o setor receba atenção adequada e que as propostas sejam realmente voltadas para o desenvolvimento sustentável e inclusivo.

O setor de eventos e turismo enfrenta desafios, como a concorrência entre destinos, limitações de infraestrutura e a necessidade de atualização constante. No entanto, essas dificuldades também representam oportunidades para inovar, diversificar a oferta e posicionar a cidade como referência regional. Investir em tecnologia, sustentabilidade e capacitação pode ser uma alternativa para superar obstáculos e agregar valor ao turismo local, tornando-o

mais competitivo e atraente para diferentes públicos. A divulgação do destino se torna imprescindível quando se fala em fomento ao setor.

A participação cidadã é fundamental

nesses processos que é conjunto. Envie suas ideias, compartilhe experiências e cobre dos futuros representantes um olhar atento para o desenvolvimento do setor. Seu voto pode ser o ponto de partida para uma cidade e um Estado mais vibrante, acolhedor e próspero. Ao exercer a cidadania ativa, cada pessoa contribui para que o município seja reconhecido pela diversidade, hospitalidade e capacidade de se reinventar, elevando o padrão de vida e consolidando o futuro desejado.

Juntos, podemos transformar o potencial de eventos e turismo em realidade, promovendo crescimento econômico e qualidade de vida para todos. Se é isto que queremos, quem vem junto?

OPINIÃO

Empresas familiares e o dilema da estrutura de capital

Laís Machado Lucas

Advogada de famílias empresárias

Empresas familiares são, historicamente, um dos pilares da economia brasileira. Sustentam cadeias produtivas, preservam empregos e atravessam gerações apoiadas em visão de longo prazo e disciplina financeira. Ainda assim, no mercado de capitais, a presença dessas companhias permanece aquém de seu peso econômico.

A razão não está na falta de desempenho. Ao contrário, companhias controladas por famílias tendem a apresentar maior eficiência operacional e rentabilidade consistente. O desafio reside na estrutura de capital.

A preservação do controle — valor central para muitas famílias empresárias — frequentemente limita a abertura a investidores externos e restringe o acesso a instrumentos de financiamento mais sofisticados. O resultado é maior dependência de crédito bancário, muitas vezes a custos elevados e com prazos pouco aderentes ao ciclo de expansão do negócio.

Essa equação produz um paradoxo: empresas mais eficientes financiam seu crescimento

em condições menos competitivas. Além de encarecer o capital, essa dinâmica pode limitar investimentos estratégicos, comprometer planejamentos sucessórios e retardar processos de internacionalização.

Nesse contexto, o Regime de Facilitação do Acesso a Capital e de Incentivos a Listagens (Fácil), instituído pela Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e com entrada em vigor prevista para março deste ano, inaugura uma janela relevante. Ao simplificar exigências regulatórias e reduzir custos para companhias de menor porte, a autarquia sinaliza uma aproximação concreta entre o mercado de capitais e empresas que, até então, en-

frentavam barreiras desproporcionais para acessá-lo

Para famílias empresárias, a questão não se limita à captação de recursos, mas à forma como ela se estrutura. Governança consistente, planejamento jurídico adequado e organização societária tornam-se elementos centrais para que o acesso ao mercado ocorra com previsibilidade, segurança e preservação do controle estratégico.

O momento exige análise criteriosa. A profissionalização da governança e o alinhamento entre família, empresa e patrimônio serão determinantes para transformar a nova regulamentação em instrumento efetivo de fortalecimento e perenidade.

Empresas familiares são, historicamente, um dos pilares da economia brasileira. Sustentam cadeias produtivas, preservam empregos e atravessam gerações apoiadas em visão de longo prazo e disciplina financeira



Como as pessoas planejam suas aposentadorias?

Marcos Ferreira

Investidor anjo e especialista em longevidade

Vejo que, nos últimos anos, houve uma mudança importante na forma como as pessoas encaram a aposentadoria. Antes, ela era tratada quase exclusivamente como o momento de parar de trabalhar e depender do INSS. Poucos se ocupavam em criar reservas complementares. Hoje, o conceito de longevidade financeira ganhou espaço: há uma consciência maior de que vamos viver mais, e isso exige múltiplas fontes de renda e uma preparação consistente.

Muitos já buscam diversificar seus investimentos, combinando previdência privada, aplicações financeiras, ativos imobiliários, multimercados e até ativos alternativos. Essa diversificação é fundamental para reduzir riscos, já que depender apenas da previdência pública não é sustentável no longo prazo. Há, também, quem se atualiza constantemente para

garantir a capacidade de seguir gerando renda por mais tempo.

Outro ponto é a educação financeira. A popularização de plataformas digitais, influenciadores e simuladores de aposentadoria fez com que mais pessoas entendessem a importância de começar cedo, mesmo com aportes menores. A tecnologia tem sido uma grande aliada nesse processo, permitindo acompanhar projeções em tempo real e dar clareza de metas.

Também noto que o planejamento não é só financeiro: há uma preocupação crescente com qualidade de vida. Isso envolve saúde preventiva, seguros adequados e até pensar em como permanecer ativo na vida profissional por mais tempo. Muitos já não enxergam a aposentadoria como “parada total”, mas como uma transição para novas atividades, empreendedores ou trabalhos mais flexíveis.

Nesse cenário, bancos, seguradoras e fintechs precisam oferecer soluções mais personalizadas,

que atendam às diferentes fases da vida. Produtos flexíveis, consultoria individual e ferramentas digitais têm sido cada vez mais valorizados.

Contudo, essa demanda por personalização revela ainda um hiato: o setor financeiro e segurador ainda opera sob métricas de risco que não considera o “novo” comportamento do público 50+. A inovação real não reside apenas na digitalização de processos, mas no redesenho de produtos que compreendam a longevidade como um ativo econômico dinâmico, e não como um passivo estatístico de fim de ciclo. É preciso transitar do assistencialismo para o protagonismo financeiro sênior.

Em resumo, vejo que as pessoas estão mais conscientes, mais informadas e mais exigentes quando o assunto é aposentadoria. Esse novo perfil de planejamento mostra que envelhecer pode, sim, ser sinônimo de autonomia, qualidade de vida e segurança financeira.